



Gilberto Freyre com Anísio Teixeira e Jorge Amado, na casa deste, em Salvador

ORDEM E PROGRESSO

Bernardo Gersen

Artigos publicados em *O Estado de S. Paulo* de 7, 14, 21 e 18 de julho e 4 de agosto de 1962, Suplemento Literário, p. 3, 6, 4, 6 e 6, respectivamente, sob o título "Uma Sociologia Existencial". Bernardo Gersen é o pseudônimo literário de Berek Gerszenhut, que nos anos 60 surpreendeu a intelectualidade brasileira com notáveis artigos, nos quais revelou invulgar capacidade para a crítica literária e de idéias. Não dispomos de dados biográficos, podendo apenas informar que o autor residiu alguns anos em Brasília, como funcionário da Câmara dos Deputados, cargo conquistado por concurso e no qual se aposentou por motivo de doença, retornando ao Rio de Janeiro, onde reside.

Ordem e Progresso, o terceiro volume da *Introdução à História da Sociedade Patriarcal no Brasil*, do sr. Gilberto Freyre, parece ter desconcertado inteiramente a crítica e os estudiosos da história brasileira. Embora ainda não tenhamos lido nenhum exame sistemático e em profundidade da obra em questão, a maioria dos articulistas limitando-se a restrições de detalhes — restrições que antes depõem em favor do criticado, pois revelam um espírito pouco conformista e desejo de renovar perspectivas — ficou-nos uma impressão geral de que ela desapontou admiradores do mestre pernambucano.

Aliás, não podia ser de outro modo. *Ordem e Progresso* estava fadado a ressentir-se pela comparação — inevitável — com *Casa-Grande* e com *Sobrados e Mucambos*, pelas expectativas suscitadas pelos dois referidos livros que, em última análise, não poderiam ser satisfeitas. E isso por muitos motivos. Interpretação de alguns dos aspectos mais significativos da família brasileira, na própria expressão do autor, os períodos estudados em *C.G. & S.*, em *Sob. e Muc.* e em *Nordeste* formam bloco, apresentam suas linhas de força mais ou menos nítidas e acusadas pela evolução ulterior. Além disso, os períodos em questão constituem poesia não somente na medida em que o é todo passado, como também porque figuram por assim dizer os vários níveis do subconsciente brasileiro, a personalidade que desapareceu e implicitamente continua viva e atuante, a zona noturna das virtualidades e das promessas, com todas as suas sugestões de liberdade quase edênica e de inocência primeira. Em outras palavras, ao passo que nos dois primeiros livros do tríptico, assim como em *Nordeste*, o Sr. G. F. estuda a fase de formação

e os primórdios da decadência da sociedade patriarcal do Brasil: isto é, as raízes sobretudo vitais da personalidade brasileira, as reações fundamentais — de ordem biológica e econômica — ao desafio do meio físico, em que os diversos fatores que entram na composição do complexo histórico se manifestam com relativa simplicidade e pureza — a fase abrangida por *Ordem e Progresso* implica em processo muitíssimo mais complexo, em que a intervenção crescente das conquistas civilizacionais, ou seja, daquelas que permitem ao homem dominar seu destino em vez de suportá-lo, tendendo se não a anular, pelo menos a diluir os múltiplos efeitos das forças mais diretamente naturais e cósmicas, assim como a frear e a canalizar as diversas impulsões fisiológico-biológicas, tornam cada vez mais difícil distinguir de modo preciso o papel representado pelos numerosos fatores na evolução da sociedade brasileira.

Essa complexidade crescente do processo sócio-histórico de um lado; e do outro essa estilização que o tempo introduz na nossa compreensão do passado, transparecem na própria perspectiva adotada pelo Sr. G.F. nas três obras que levam o título geral de *Introdução à História da Sociedade Patriarcal no Brasil* — e nas limitações que elas lhe impuseram. Com efeito, em *Casa-Grande* e mesmo em *Sobrados e Mucambos* a distância ajudou o autor a circunscrever seus temas e restringiu, de modo fecundo, sua ambição. A primeira obra compreende apenas cinco capítulos em que, do ponto de vista das relações genéticas “condicionadas pelo sistema de produção econômica” e “pela escassez de mulheres brancas entre os conquistadores”, o autor nos oferece um quadro geral da “formação de uma sociedade agrária, escravocrata e híbrida”. Na segunda obra prevalece ainda o critério de especialização e de concentração, pois o livro contém apenas sete capítulos que, além de focalizarem os diversos tipos de casa como expressões sócio-econômicas do período de transição entre o patriarcado rural e a civilização urbana, prolongam o livro anterior, estudando “os processos de subordinação e, ao mesmo tempo, os de acomodação, de uma raça a outra, de várias religiões e tradições de cultura a uma só”. Carecendo, em *Ordem e Progresso*, de alguns desses aspectos fundamentais suscetíveis de constituírem perspectivas privilegiadas e de imprimirem unidade dramática à visão de conjunto, devido ao grande desenvolvimento atingido pela sociedade brasileira no “quase meio século de transição do trabalho escravo para o trabalho livre e da Monarquia para a República”, ou avesso a uma explicação monista, digamos a do materialismo histórico ou do primado econômico, que, abstração feita de seus méritos ou de sua adequação ao contexto — e, no caso, esta nos parece grande — teria pelo menos a vantagem de fornecer tal perspectiva unificadora, o autor se esparramou, fez-se, em quinze capítulos de fôlego, economista, cronista, memorialista, sobretudo historiador, além de sociólogo, esbatendo as linhas condutoras de seu pensamento.

Não é só. Diante da classificação da matéria: de início o Aspecto Político do período, em seguida o exame sucessivo da Ordem Social, do Progresso Cultural e da Ordem Étnica, e só então o estudo da Ordem Econômica, para em seguida reportar-se a fenômenos de natureza social ou sócio-cultural como a

Ordem Religiosa e, finalmente, mais uma vez, aos aspectos políticos — a gente fica sem saber se tal escala implica uma hierarquia lógica de valores — do particular para o geral, do aparente para o latente, do menos ao mais complexo, em suma, se encerra algo como uma seqüência causal, ou se foi antes ditado pelo desejo de uma apresentação interessante, de dar relevo e movimentos a temas menos romanescos do que os dos dois livros anteriores da série.

A tarefa do autor de *Ordem e Progresso* era tanto mais ingrata pelo fato de um período de transição como o abarcado pelo seu livro ser flutuante por excelência, de intensa mobilidade social, que além de subverter os padrões tradicionais do viver brasileiro, não pode deixar de afetar, pelo menos no início, a própria psique coletiva, eminentemente difusa em suas características, em que os antigos valores já se desagregaram sem que os novos se apresentem com a nitidez que só a distância faculta. Processo esse tanto mais radical quanto a evolução verificada no período em questão se fez no sentido da cosmopolitização, da europeização, com a persistência de feições peculiares apenas no plano regional, ao passo que no plano nacional certas constantes observadas no período pelo Sr. Gilberto Freyre, como, por exemplo, maior valorização social do poder econômico e do poder militar, são, de âmbito continental o segundo, enquanto o primeiro acompanha a exprime em toda parte a ascensão da burguesia. Em suma: o autor está demasiado próximo do período que estuda, banha ainda nele em grande parte, privando-se assim da colaboração de um presente heterogêneo, que sublinharia traços decisivos no passado e ajudaria a selecionar uma bibliografia fundamental.

Contudo, apesar de senões e falhas — alguns dos quais judiciosamente apontados pelo Sr. Daniel de Carvalho no suplemento do *Diário de Notícias* — de generalizações apressadas e de certas incoerências de plano, perdoáveis em se tratando de obra de tamanhas proporções, *Ordem e Progresso* é trabalho arrojado de pioneiro, de desbravador de um período quase contemporâneo, mina em que outros estudiosos forçosamente virão haurir. Uma das suas virtudes maiores reside nisto: ele ressuscita um mundo, meio século de vida brasileira, do Amazonas ao Rio Grande do Sul, com milhares de personagens de todas as regiões e classes sociais ou profissionais, que se confessam, que se acotovelam, entram em competição, comem, bebem e fornicam, fazem dinheiro, política e literatura, lutam para se fazer e fazem o Brasil. Afresco desbordante de vida, rico em intuições, em observações agudas e em conceitos pessoais, *Ordem e Progresso* desnorteia devido a sua riqueza mesma.

Raros são os momentos em que certas qualidades mestras prodigalizadas pelo autor nos outros livros da trilogia ou em *Nordeste* o abandonam: calor de imaginação vivificadora, sendo dramático na invocação de indivíduos e grupos em movimento, o faro para o aparentemente anódino e essa capacidade de extrair dele significação inesperada ou ampla. . . Apenas, desta vez, dir-se-ia que tais qualidades mestras não se coadunavam num grau suficiente com os motivos. Com efeito, mais prosaica, menos penetrada de sugestões épicas e romanescas,

mais incharacterística, a fase de transição da Monarquia para a República talvez exigisse menos "empatia" e mais sistema, menos intuição e mais ciência — suscetíveis de dominarem o material demasiado abundante e de valor desigual, facultando perspectivas mais eficazes.

Vol taremos adiante a *Ordem e Progresso*, sobretudo por referência às obras-primas do Sr. Gilberto Freyre. Isso porque nosso objetivo aqui é menos o exame de um trabalho particular do que uma tentativa de circunscrever méritos específicos, aspectos verdadeiramente criadores, naquilo que constitui o núcleo de uma obra e a personalidade que a nutre. No inestimável prefácio que o autor pernambucano escreveu para *Dimensões I*, do Sr. Eduardo Portella, depois de repelir o qualificativo de "cientista", reivindica para si antes de tudo a categoria de "escritor ou ensaísta literário", "embora com lastro de especialidade científica que não repudia nem renega". Declaração suscetível a surpreender pedantes que tendem a estigmatizar com a pecha desdenhosa de "literatura" tudo o que não cheira o espírito esotérico de sistema ou que visa, graças à forma, um público mais amplo que o dos especialistas. Mas completada, de modo incisivo, por uma outra do mesmo prefácio. Referindo-se a um trabalho que planejava no início de sua carreira, comenta o Sr. Gilberto Freyre com ponta de orgulho: "Tratava-se de empreendimento de escritor versado em Antropologia e em Sociologia; e não de antropólogo ou sociólogo que apenas fosse escritor de modo secundário ou ancilar". Não duvido que o Sr. Gilberto Freyre pensasse em sua obra como um todo ao escrever esse prefácio-confissão — datado de setembro de 1957 — indicando assim aos críticos aquilo que constitui a seu ver o valor porventura básico de uma obra. Clarividência admirável, profunda — e rara — consciência do alcance de sua própria obra e mesmo de seu destino futuro.

Na medida que no-lo permite apreciar menos um saber especializado do que talvez certo faro formado pela experiência intelectual, o equipamento científico de que o Sr. Gilberto Freyre faz mostra nos seus livros em geral e em particular nas obras que trouxeram uma contribuição poderosamente original à compreensão do caráter brasileiro, se impõe à nossa admiração como dos mais seguros e atualizados. Além disso, impressiona a flexibilidade com que o maneja, a maestria com que o aplica aos casos concretos do passado brasileiro, o partido pessoal que dele tira, valorizando suas próprias qualidades "líricas" — sem que jamais lhe intimidem o espírito crítico, prejudiquem os vãos da "inspiração" e empanem o frescor de visão. Não é só: a posição em que o autor brasileiro se coloca em face de teorias, correntes e escolas das ciências humanas parece ao leigo (o qual também tem voz no capítulo, já que precisa ser persuadido tanto quanto o especialista) das mais sãs e equilibradas. A própria margem de liberdade que toma em relação a elas revela não simples receptividade intelectual, nada tem de passivo, mas sim agilidade mental, poder especulativo, domínio e assimilação das disciplinas em questão, um sentimento de nuance e de complexidade do fenômeno humano, uma concepção própria do destino, dir-se-ia anterior à descoberta do mundo através dos livros, que o leva a discriminar e a selecionar entre as grandes correntes do pensamento e as teorias das ciências morais, tão numero-

sas e contraditórias, aquilo que lhe parece mais equilibrado e conforme a sua própria "Weltanschauung". Confirma tal impressão a leitura de uma obra panorâmica como *Contemporary Sociological Theories*, de Pitirim Sorokim. Com efeito, as restrições e críticas que o sociólogo russo-americano faz aí às principais correntes da Sociologia dos fins do século XIX e quase metade do XX, após analisá-las detidamente — geográfica, biológica, antropológica, racial, bio-social, demográfica, sociológica, econômica, psicológica, etc. — coincidem amplamente com as perspectivas implícitas no tratamento dos referidos aspectos, em *Casa-Grande & Senzala, Sobrados e Mucambos, Nordeste* e mesmo, na medida em que conseguimos distinguir algumas linhas entre a mata cerrada de idéias e fatos, em *Ordem e Progresso*.

E, no entanto, apesar da solidez dessa estrutura metodológica, a parte da obra do sr. Gilberto Freyre mais suscetível de envelhecer é a "científica": a apoiada em teorias, hipóteses e sistemas das ciências humanas, inevitavelmente sujeitos à graduais revisões paralelas à evolução das ciências naturais. E bem o sabe o próprio Sr. G. F., cuja "idéia fixa", na sua própria expressão, "era ser independente, na atividade mais artística ou humanística que científica", insistindo na sua qualidade primordial de "escritor" (página 33 do prefácio ao livro citado de E. Portella).

Por conseguinte, um elogio legítimo — e não dos menores — que se pode fazer ao tríptico que compõe a *Introdução à História da Sociedade Patriarcal no Brasil* e ao *Nordeste* que o completa, é compará-lo a um poderoso romance cíclico: à maneira de *A Comédia Humana*, de Balzac, de *Guerra e Paz*, de Tolstoi, de *Em Busca do Tempo Perdido*, de Proust, mesmo do *Ulisses*, de Joyce. O elogio parece fácil, convencional, simples recurso de retórica destinado a traduzir o poder de sugestão dramática das obras do sociólogo brasileiro. Na verdade, propomo-nos a mostrar que ele encerra muito mais — introduzindo ao mesmo tempo uma estilização na forma e nos motivos dessas obras, suscetível de acusar-lhes qualidades específicas: 1) Afinidades de estrutura entre os referidos romances e as obras em questão, coincidência entre os elementos constitutivos. 2) Curiosidade psicológica, em ambos orientada numa direção particular, a saber: "o estudo da história íntima" de um povo, segundo a fórmula do prefácio à 1a. ed. de C.G. & S. 3) Um nível de significação da obra do sociólogo brasileiro, implícita nesse elogio, a perspectiva em que se colocou o autor em face de seus temas, um processo particular de compreensão e de atualização de idéias. 4) E, finalmente, uma psicologia de seu autor, reflexo de um temperamento e de uma visão do mundo, do mesmo modo que um romance encerra o retrato moral daquele que o assina.

II

Terminamos o artigo anterior prometendo mostrar as analogias entre o núcleo da obra sociológica do Sr. Gilberto Freyre de um lado e do outro do romance em geral e de certos monumentos romanescos em particular — *A Co-*

média Humana, Guerra e Paz, Em Busca do Tempo Perdido, Ulisses — introduzindo ao mesmo tempo uma estilização na forma e nos motivos dos ensaios do autor brasileiro, suscetível de acusar-lhes qualidades específicas. O primeiro item dos quatro que compunham o plano exposto dizia respeito às afinidades de estrutura entre os referidos monumentos romanescos e os ensaios em questão, à coincidência entre seus elementos constitutivos.

Evidentemente o romance gira em torno de destinos individuais e apresenta uma fabulação contínua que se encarrega de dar unidade dramática aos diversos componentes. Mas não raro tais destinos não passam de mera exigência do gênero e de uma forma de expressão estética, já que o autor se preocupa antes de tudo em traduzir através deles uma realidade coletiva que os ultrapassa. E às vezes os personagens são tão numerosos — na *Comédia Humana*, em *Guerra e Paz*, mesmo no ciclo de Proust — e banham em tantos aspectos documentários, em reconstituições históricas, em interpretações sócio-econômico-psicológicas, que seus contornos individuais tendem a esbater-se, que sua significação de tipos ou símbolos se sobrepõe ao seu valor particular. De modo que apenas uma questão de grau separaria tais destinos pessoais, assim como o contexto documentário que lhe serve de moldura, dos “case-studies” que ilustram *Casa-Grande & Senzala*, *Sobrados e Mucambos* e *Nordeste*, ou das dezenas de autobiografias que estofam e como que romanejam os desenvolvimentos de *Ordem e Progresso*. E isso sem falar da família típica que emerge de *Casa-Grande* e de *Nordeste*, reunida em torno da figura patriarcal do senhor de engenho, com seus membros de feição psicológica muito nítida, moço de família, sinhá-moça, agregados, mucama, moleques, etc., através de todas as fases de existência e em todas as esferas da vida. Sem falar dos retratos memoráveis que vêm em *Sob. e Muc.* — o da mulata, por exemplo, com seu feitiço sexual — de maneira alguma indignos de um Saint-Simon e de um La Bruyère (embora de outro gênero), precursores reconhecidos do romance.

Restaria uma última objeção: a natureza científica dos “ensaios de sociologia genética e de história social” do Sr. Gilberto Freyre, em contraste com o caráter basicamente imaginativo do romance. Em outras palavras, no primeiro caso, o autor estaria adstrito às leis bio-sociológicas inerentes aos seus temas, ao passo que no segundo seria livre de tratá-los conforme sua “fantasia” pessoal. Em verdade, toda obra romanesca, na medida em que apresenta condutas individuais fundadas em constantes psicológicas e em determinantes sociológicas, encerra ciência. E sua resistência ao tempo provém em grande parte desse alicerce de verdade — ou generalidade — que sustenta a ordem imaginária — e singular — do processo causal implícito na lógica de evolução dos caracteres. Freud, aliás, não se cansava de repetir que a própria prioridade da descoberta do inconsciente cabe a criadores de obras imaginativas — dramaturgos e romancistas. E romances tão diferentes e ainda tão distantes da era das ciências sociais como *Tom Jones*, *A Princesa de Clèves* ou *Os Noivos* constituem, cada um a seu modo, ensaios de micro-sociologia. Ou antes, de psicologia social. E ao passo que o romancista Balzac — isso por volta de 1830 — se proclamava “Doutor em Ciências Sociais”,

o Doutor em Ciências Sociais Gilberto Freyre considera-se antes de tudo escritor e anunciou várias vezes que está escrevendo um romance.

Em síntese: romance é também ciência, e ensaio sociológico como o praticado pelo Sr. G. F. é também romance. Vejamos, de mais perto, como e por quê. Se remontamos às suas origens, constatamos que o romance como gênero literário nasceu justamente dos elementos que entram na composição de C. G. & S., de *Sob. e Muc.* e de *Ordem e Progresso*. Eis como se manifestam a respeito, no conhecido *Theory of Literature*, Wellek e Warren: "O romance desenvolveu-se a partir de formas narrativas não-fictícias: a carta, o diário, as memórias ou biografia, a crônica ou a história; surgiu, por assim dizer, de documentos; estilisticamente ele sublinha o detalhe representativo 'mimesis' no seu sentido estreito".

Em outras palavras, a tarefa do romancista consistia originalmente em dinamizar um material estático e em integrar elementos heterogêneos através de um processo causal em última análise psico-sociológico ou científico, embora nunca assumindo forma explícita. Ele operava uma síntese nos dados primordiais subjacentes nos referidos documentos — "intriga" ou conjunto de incidentes; caracteres ou constantes de conduta; cenário ou meio ambiente — fazendo sentir a cadeia única que formavam, mostrando como um plano prolonga e reflete o outro, como a ação ou intriga decorre dos caracteres e como estes, por sua vez, são parcialmente explicados pelo meio.

Pois bem: é isso justamente que temos em *Casa-Grande*, em *Sobrados e Mucambos*, em *Nordeste*. Apenas a "intriga", as condutas, a ação, dada sua natureza coletiva, se denominam História; a caracterização, psicologia social; e o "cenário", ecologia, economia, sociologia. Os elementos constitutivos na origem do romance, como documentos, conservam relativa integridade e autonomia no contexto dos ensaios sociológicos. Mas do mesmo modo que no romance, eles são elaborados por um temperamento e uma imaginação, transformados em obra de arte — e ciência — com poder específico de impacto. Pois uma série de documentos originais e uma sucessão de detalhes verdadeiros — por mais eloquentes que sejam — não são suscetíveis por si sós de transmitirem uma impressão de veracidade orgânica.

Aqui interviria a capacidade de integração e de transfiguração do autor — estética e científica. A propósito, todos conhecem o "mot" de Valéry segundo o qual não poderia escrever um romance porque repugnavam-lhe frases como "A marquesa saiu às 5 horas". Besteira citada demais, que ganhou foros de dogma, mas cuja autenticidade já foi contestada. Com efeito, a marquesa pode ter saído para praticar o adultério; ou para visitar um filho mortalmente enfermo no hospital; ou, simplesmente, para dar um passeio sentimental pelo Bois de Boulogne. Quer dizer: na estrutura humana e romanesca em que se inserem, cada uma das seis palavras banais ganha indizível significado existencial, um sentido que nunca antes tiveram e não terão jamais, são suscetíveis de fazerem fremir como as

palavras mais puras e de suscitarem a cisma como as mais belas imagens. Num grande romance não há assim palavras mortas.

Pois bem: o que vale para o romance aplica-se também ao ensaio sociológico em questão. E assim todos os ínfimos detalhes que seu autor nos prodigaliza, hábito de cuspir, o uso de escarradeiras, formas de barba e penteado durante o período semipatriarcal, detalhes de alimentação, de vestimenta, utensílios domésticos, objetos de uso cotidiano e particularidades do habitat evocados em *Casa-Grande*, em *Sobrados*, em *Nordeste*, tem valor documentário, literal — e ao mesmo tempo figurado, ideal, como expressão que são de uma significação existencial que os ultrapassa e engloba. Tanto o romancista como o sociólogo que nos interessa transformam assim os momentos mais aparentemente anódinos da vida humana em valor moral, fazem falar — e com que eloquência! — as coisas mais corriqueiras ou desagradáveis, desvendam microcosmos num pormenor humilde.

Esse paralelismo entre o espírito do romance e do ensaio sociológico gilbertiano encontra confirmação em aspectos importantes. Assim como a psicologia e mesmo a psicanálise existiam “avant la Lettre” não somente no romance e em dramas como também nos retratos de Rembrandt e Velasquez, em telas de Greco e de Leonardo, assim também certos processos de pesquisa sociológica estão prefigurados em grandes obras romanescas. A casa como expressão de um complexo cultural: por exemplo, “casa-grande” e “senzala”, “sobrados” e “mucambos” — não foi Spengler o primeiro a concebê-la; nem mesmo G. Schmoller, como sugere G. F. num dos prefácios de *C. G. & S.* Mas sim Balzac: todas as minuciosas descrições de moradia em *A Comédia Humana* e, particularmente, a evocação da Pensão Vauquer em *O Pai Goriot* ou da toca do velho Grandet em *Eugenia Grandet*, se enquadra no espírito da monografia sociológica. Inversamente, certos aspectos de *C. G. & S.*, de *Sob. e Muc.*, dir-se-iam recursos romanescos extremos. Por exemplo, em cenas escatológicas ou de promiscuidade sexual dos primórdios da colonização no Brasil, na análise dos órgãos sexuais dos protótipos raciais estudados, dos hábitos de higiene pessoal, como o de defecar de cócoras entre a gente mais pobre no campo e na cidade, como o modo de despejo dos excrementos — o “tigre” — na evocação dessa surda vida fisiológica em que se gesta uma nação, o Sr. G. Freyre atinge um realismo, um naturalismo quase visionário só comparável ao do Joyce de *Ulisses*.

E isso nos leva à segunda proposição formulada no plano: curiosidade psicológica orientada numa direção particular, a saber, “estudo da história íntima” de um povo, na expressão do Sr. G. F. Exatamente o que constitui a esfera específica do romance. A função do qual consiste justamente em pôr ao avesso o ser social, ou geral, para revelar o ser vital, singular, único; o que o eu tem de mais recôndito e imponderável. Com efeito, da mais superficial consideração dos gêneros literários na base do romance (assim como do ensaio sociológico em questão, como já sublinhamos) — carta, diário, memórias, biografia — ressalta que eles têm isto em comum: reenviam ao individual, ao subjetivo. Ou pelo me-

nos — os outros gêneros citados: crônica e história — ao concreto, a "mimesis", "imitação" e representação do real através dos detalhes representativos. E mesmo os monumentos romanescos mais ambiciosos: *A Comédia Humana*, *Guerra e Paz*, *Em Busca do Tempo Perdido*, *Ulisses*, aqueles que encerram doutrinas políticas, ou se elevam a uma filosofia da História, ou constituem verdadeiros tratados de psicologia profunda, focalizam tais aspectos aparentemente frívolos e menos essenciais: amores, dramas de família, relações mundanas. Do mesmo modo o sociólogo pernambucano, no seu esforço de prospecção das raízes brasileiras, na sua tentativa de identificar constantes morais na formação do povo brasileiro, volta-se para a "história íntima" como para o cerne original: "vida doméstica, conjugal" — a que mais banha na afetividade, a que mais marca e reflete uma mentalidade; "vida de menino" — período em que se cristalizam as primeiras constelações psicológicas, que fazem do menino o subconsciente do homem; "cristianismo reduzido à religião de família e influenciada pelas credences da senzala" — ou seja, pouco racionalizado, prolongamento sentimental da ação todopoderosa do dado inicial. E não se esqueça que Freud atribui, especialmente em *Totem e Tabu*, o nascimento da religião, assim como o dogma do pecado original, a um conflito no seio da primitiva família patriarcal.

Se a família em geral constitui a primeira forma de sociedade com que se defronta o indivíduo e uma espécie de microcosmo do mundo com que se defrontará mais tarde, no caso brasileiro — pelo menos até o fim da fase predominantemente agrária — isso era particularmente verdade porque "sob o patriarcalismo escravocrata e polígamo", dado o relativo isolamento físico dessas unidades sociais de base representadas pela casa-grande e pela sua senzala, mundo autônomo, econômica e humanamente auto-suficiente, o social se reduzia quase inteiramente ao familiar. Isso explicaria, por outro lado, certas limitações de *Ordem e Progresso*. Num período de transição mais urbano, em que o indivíduo se emancipa cada vez mais do cadinho familiar e se integra na anônima, descaracterizadora corrente da sua classe, isto é, em que a psicologia individual deixa de confundir-se com a familiar, em que os valores peculiares à vida brasileira se diluem sob o impacto de influências cosmopolitas, o método empático de compreensão, ou romanesco em certo sentido, tão caro ao nosso autor, perdia muito de sua adequação. Ao passo que na fase patriarcal e semipatriarcal toda a existência do indivíduo constituía história íntima, calor humano, matéria de romance: sociedade pouco complexa na sua estrutura, estratificada e coesa, em que cada um tinha seu lugar antecipadamente reservado na escala social — o que, por outro lado, evitava o desperdício ou a sublimação de energias na luta cinzenta pela vida, canalizando-as assim para o círculo restrito, já por si submetido à ação intensa devido à concentração e à forte interação individual — primavam os impulsos fundamentais, o indivíduo atualizava virtualidades profundas e empenhava nos seus atos o ser total. E, assim, tudo o que o cercava tendia a impregnar-se de sua subjetividade, tudo em que tocasse se transformava em expressão existencial. Ainda por isso o Sr. G. Freyre pôde escrever páginas ricas em significação sobre aspectos triviais da vida cotidiana em *Sobrados e Mucambos*: uso do palito, modos de iluminação e de ventilação das moradias, material

de construção das casas, etc. Explica-o uma frase de Roger Caillois sobre Freud e Sartre, numa apresentação de trechos deste último — perfeitamente aplicável ao sociólogo brasileiro: “Como Freud, Sartre pensa que o homem é uma totalidade, não uma coleção: que em conseqüência ele se exprime inteiramente na mais insignificante e na mais superficial de suas condutas — ou por outra, que não há nenhum gesto, nenhum tique, nenhum ato humano que não sejam reveladores, e que o fim consiste em decifrar os comportamentos empíricos”. (in *Panorama des Idées Contemporaines*, organizado por vários especialistas sob a direção de Gaetan Picon, Gallimard).

É o sentimento dessa “totalidade” que subjaz nos longos inventários da vida material sob o patriarcalismo e o semipatriarcalismo feitos pelo Sr. G. F.: zona de penumbra onde a necessidade e a liberdade se encontram e se separam, ou melhor, onde a necessidade se torna liberdade, assume essa configuração própria que no plano individual ou psicológico se denomina personalidade e no coletivo ou sociológico “ethos” ou cultura. Em outras palavras, esse cerne genuíno, que reflete sem dúvida uma séria de condicionamentos, que decorre de um complexo de fatores históricos — mas cujo produto é mais do que a simples edição de seus efeitos, representa uma dimensão singular, uma realidade última, que distingue essa aventura histórica de todas as anteriores e ulteriores. E por isso mesmo, como o romancista, o Sr. G. F. não conclui nos referidos livros — reproche que lhe fizeram — coisa que equivaleria a introduzir noções estranhas, gerais, judicativas, numa esfera de coerência supra-racional e específica.

III

Terminamos o artigo anterior tentando mostrar que o sentimento de unidade que nos transmitem os longos inventários da vida material feitos pelo Sr. Gilberto Freyre em *Sobrados e Mucambos* repousam sobre essa realidade última, essa coerência supra-racional que se denomina personalidade no plano individual e *ethos* ou cultura na esfera sociológica. Isso nos conduz ao terceiro item mencionado na nossa comparação dos ensaios do Sr. G. F. com os monumentos romanescos. Ou seja, um nível de significação da obra do sociólogo pernambucano, a perspectiva em que se colocou o autor em face de seus temas, um processo particular de compreensão e de atualização de idéias.

Com efeito, estudo do necessário e do causal, a ciência desdenha as manifestações do ser em benefício de suas motivações — próximas e remotas — ou então aquelas só lhe interessam na medida em que exprimem estas. Mas as atitudes concretas da criatura não significam forçosamente uma tradução lógica de motivações inteligíveis; elas são muito mais — e, às vezes, outra coisa. Por isso toda perspectiva “científica” de fenômenos humanos pressupõe uma simplificação (o que, até certo ponto, justificaria as múltiplas explicações “científicas” do mesmo fenômeno, todos verossímeis). Ela deixa de fora toda uma zona de significações refratária a leis abstratas, esvazia o acontecimento de sua substân-

cia. Eis um domínio privilegiado do Sr. Gilberto Freyre, que faz o valor de sua obra de pensamento e de poesia. "Pois é como existência que o passado social, sexual, cultural e quanto possível íntimo do brasileiro interessa aos objetivos deste ensaio, continuador de dois outros acusados justamente disto: de sacrificarem ao estudo do que tem sido a existência mais cruamente e mais genuinamente brasileira o daqueles outros aspectos de cultura ou civilização. . . que vêm constituindo apenas crosta ou verniz". Esta frase de *Ordem e Progresso* aplica-se com muito mais propriedade a *Casa-Grande & Senzala*, a *Sobrados e Mucambos*, a *Nordeste*, do que ao livro em que figura. Ciência, na medida em que visa o "saber", analisa a ação dos diversos fatores que entram na formação do povo brasileiro, o ensaio sociológico do Sr. G. F. será arte, conhecimento sensível — já que nem todo conhecimento é "saber" — na proporção em que capta essa franja de imponderável, em que mergulha o leitor no ambiente moral desaparecido, em que apreende a estrutura global e a solidariedade interna dos fenômenos. Em outras palavras, ao passo que a "ciência" se debruça sobre o passado sem modificar sua natureza de passado, a arte — pela empatia ou "penetração simpática", conforme citação do autor, transforma-o em presente na medida em que faz sentir, sobretudo pela emoção, o que temos em comum com ele, em que atualiza nossas virtualidades longínquas, em que mostra a parcela concreta de presente que se encontra no passado.

Ilustra essa diversidade de método o próprio tratamento do "material". Enquanto o sociólogo tradicional, de espírito científico, vê nos vestígios do passado — cartas, memórias, crônicas, etc. — simples repositório de idéias, ou seja, transforma esses fragmentos de existência em signos abstratos, esvazia-os de seu conteúdo humano, o Sr. G. Freyre não somente busca atualizar a experiência bruta que encerram como esforça-se por desdobrá-la tirando-lhe novas ressonâncias. "Ao passo que o pensamento abstrato tem por tarefa compreender abstratamente o concreto, o pensador subjetivo (ou existencialista) tem, ao contrário, por tarefa, compreender concretamente o abstrato". (Kierkegaard, citado por Paul Foulquié, em *L'Existentialisme*, coleção "Que sais je?"). Por isso, como o romancista, pensador existencial por excelência, o Sr. G. Freyre vive seus temas, elabora permanentemente sua obra através da experiência cotidiana, transforma em seguida essa vida em matéria de seus livros. Com efeito, coleciona objetos e documentos do passado, procura banhar no ambiente extinto, cercando-se em seu gabinete de trabalho e em sua casa de peças de mobília e outros testemunhos das épocas cuja ressurreição objetiva, aprecia os quitutes tipicamente brasileiros, que condensam de certo modo a aventura de três raças. E não perde ocasião de freqüentar sobreviventes do passado patriarcal, de renovar constantemente suas emoções e avivar suas reminiscências viajando pelas paisagens características do País e visitando os velhos casarões habitados pelos fantasmas. No próprio culto que vota à sua região entra algo do segredo de Anteu. Não raro ele faz pensar, nessa caça aos espíritos, nos primitivos de que nos fala o velho Lévy-Bruhl: os quais não distinguem símbolo de realidade, visível e invisível, servindo-se de um pedaço de roupa ou de uma mecha de cabelo para se comunicarem com ausentes, para entrarem em comunhão mística com desaparecidos.

Finalmente, não esquecer que o Sr. Gilberto Freyre descende de família patriarcal: "A meu pai e a minha mãe, em cuja casa ainda meio patriarcal foi escrita grande parte deste trabalho" — reza a dedicatória de *Sobrados e Mucambos*. Quer dizer: o autor teve até certo ponto a infância do menino de família patriarcal de que nos fala a propósito da "vida íntima" dessa fase da sociedade brasileira. Criou-se e chegou à idade adulta num ambiente ainda impregnado dos costumes e valores de uma época que constituiria a temática de seus livros. Em suas viagens de estudo ele vai pois atrás de parcelas de sua própria alma; nessa identificação com um mundo esvaído ele se reencontra a si próprio; reconstituindo os diversos níveis da personalidade brasileira, ele como que atinge a plenitude do seu próprio eu.

Mais do que isso. Sua família sendo um pouco a família típica brasileira na base de todo um sistema econômico e social; essa família típica, por sua vez, representando aquele clã original em cujos conflitos primitivos Freud viu a fonte de todos os sentimentos morais, religiosos e, indiretamente, das próprias instituições, o inconsciente do nosso autor tende a confundir-se com o inconsciente coletivo e a reencontrar de certo modo as experiências mais remotas da Humanidade. Eis porque, como a obra do romancista, esses ensaios de sociologia têm muito de confissão surrealista, de catarse, de autobiografia profunda. E assim conciliam singular e coletivo, concreto e abstrato, subjetivo e objetivo, lirismo e ciência. Isso tudo explicaria, até certo ponto, o sopro vital de *Casa-Grande*, de *Sobrados e Mucambos* e de *Nordeste*, esse calor de experiência íntima que transmitem, essa aura de poesia que envolve as páginas mais aparentemente impessoais.

Até aqui quanto ao mecanismo de compreensão. No que diz respeito aos processos de expressão, é óbvio que os da sociologia tradicional, "cientificista", serão inadequados, ou pelo menos insuficientes, para traduzir essa superposição de planos existenciais, para apreender essa vaga de experiência latente e indizível. Daí o recurso a mimesis de que fala a citação supra, ou seja, "imitação" da realidade, representação do detalhe verdadeiro e concreto, aparência sensível — em suma, à expressão indireta que caracteriza a literatura em geral e os gêneros de ficção em particular. Com efeito, "se a descrição da essência é do domínio da filosofia propriamente dita, só o romance permitirá evocar em sua realidade completa, singular, temporal, o jorro original da existência". (Simone de Beauvoir, citada por Foulquié no já mencionado *L'Existentialisme*).

Realmente, o mais rápido exame da estrutura formal de *C. G. & S.*, de *Sob. e Muc.*, de *Nordeste*, revela um estilo e processos de expressão especificamente romanescos. Veja-se, de saída, o nível das palavras. Vocabulário técnico dos mais amplos e dos mais precisos que testemunha indiretamente a amplitude de pensamento do autor: não somente de ciências sociais — antropologia, sociologia, psicologia, história — como de esferas afins: genética, biologia, zoologia, geologia, botânica, ornitologia, higiene, urbanismo, arquitetura; não somente terminologia científica como também grande cabedal de outros termos especia-

lizados: um mundo de coisas materiais, muitas já fora de uso hoje em dia, utensílios domésticos, instrumentos, objetos de todos os ofícios e profissões, de todos os domínios da vida, de todas as classes sociais — numa riqueza só comparável à de Balzac — língua intelectual, impessoal por excelência, ela se colore do pitoresco de locuções populares, anima-se sob o efeito de saborosas expressões orais, ganha plasticidade, relevo e cunho poderosamente pessoal graças a sutil poder de combinações verbais, a torneios voluptuosos de frase. Ao contrário dos termos técnicos cujas raízes são principalmente gregas e latinas, tais vocábulos, locuções, expressões brasileiras, e mesmo as alianças que elas facultam, têm história recente, são pouco intelectualizadas e de alma palpitante, evocam difusamente as sensações e percepções que os originaram, exprimem este jorro existencial de que fala Simone de Beauvoir. Estudando, por exemplo, a certa altura de *Casa-Grande & Senzala*, a influência do negro sobre a língua brasileira, o autor dá uma longa lista de vocábulos de origem africana de uso corrente no Brasil. Pois bem: a maioria desses vocábulos, assim como muitos outros brasileirismos marcados pela mesma influência, ele os emprega — e com que expressivos efeitos! — tanto no ensaio em questão quanto nos seus outros livros.

Quer dizer: por um lado esse vocábulo reflete por aí, tanto na etimologia quanto nos valores fônicos, um pouco da realidade histórica analisada pelo “cientista”, representa cristalizações de psicologia social que ilustram as asserções do sociólogo, constituem por si um dos aspectos “genuinamente brasileiro” que ele visa circunscrever. Por outro lado, ele é inseparável da psicologia do autor: não provém de livros mas reflete proximidade da fonte em que foi bebido, sugere um itinerário de experiências, é produto de um modo particular de sentir e de apreender o mundo. De modo que, debruçando-se sobre a linguagem tipicamente brasileira, o escritor estuda elementos do seu próprio estilo — estilo literário e estilo de vida — analisa involuntariamente seu próprio mecanismo moral e estético. E assim, mais uma vez, se confundem “saber” e sentir, ciência e poesia, “behaviorism” ou estudo objetivo de condutas e introspecção ou confissões.

IV

Terminamos o artigo anterior procurando mostrar como o próprio vocabulário dos ensaios do sr. Gilberto Freyre, tantas vezes brasileiros e sumarentamente popular, reflete um pouco a realidade histórica por ele analisada, constitui por si um dos aspectos “genuinamente brasileiros” que ele visa circunscrever — sendo ao mesmo tempo inseparável da psicologia do autor, como produto de um modo particular de sentir e apreender o mundo. Com efeito, o temperamento rico que se encontra na base dessa língua familiar e saborosamente brasileira, essa energia vital em parte responsável pela agudeza das percepções e sensações expressas por tal vocabulário, irrompe com freqüência na frase mais intelectual. O caráter emotivo da língua falada, com os ecos da experiência concreta que ainda encerra, dá cor ao pensamento abstrato, se infiltra sub-repticiamente entre conceitos, carrega os períodos de uma palpação carnal.

Vejamos alguns exemplos. Este, colhido em C. G. & S. : "o visgo da promiscuidade nas relações do sinhozinho com mulatinhas" — que sugere um pouco a força da aderência das partes íntimas da mulher, a calidez pegajenta de certos tecidos. Ou então: "a cultura européia se pôs em contacto com a indígena amaciada pelo óleo da mediação africana" (ibid, 169, 8a. ed.) — em que noções teóricas vêm ligadas entre si por vocábulos de sentido concreto, os quais contêm em embrião, no contexto, diversas imagens superpostas, um feixe difuso de associações: suor espesso do negro no trabalho; porventura sua indolência contagiosa, sua sensualidade; talvez mesmo a cor fusca de sua pele. Ou ainda: "O europeu saltava em terra escorregando em índia nua . . ." (ibid. 219) — em que a expressão saltar, escorregando evoca tanto uma idéia física de precipitação quanto uma queda moral, o pecado. Ou este outro exemplo, singularmente pejado de significações, referente à influência do negro sobre o idioma português falado no Brasil: "A ama negra fez muitas vezes com palavras o mesmo que com a comida: machucou-as, tirou-lhes as espinhas, os ossos, as durezas, só deixando para a boca do menino branco as sílabas moles". (ibid., p. 561). Eis uma sucessão de idéias expressas inteiramente por imagens — mais do que simples analogia, tradução concreta das diversas motivações, latentes na deformação lingüística. Realmente uma operação em última análise intelectual, ditada por impulsões afetivas, que manifestam reflexos biológicos, esse generoso instinto da mulher de cor. Temos aí uma cena de costumes: à solicitude da ama negra dando de comer ao sinhozinho — sobrepondo-se a um tocante quadro da "maternidade negra".

Ainda uma espécie de alegoria que imediatiza o sentido profundo, que exprime com pungente eloquência o brutal desenraizamento do negro escravo arrebatado ao seu torrão natal, é a seguinte frase: "Mãos, pés e órgãos genitais que não suportaram a separação do resto do corpo — que era a tribo, com sua religião, os seus ritos, as suas danças". (*Nordeste*, 1a. ed., pág. 178). Eis, num movimento de síntese, com algo de uma ampliação épica hugoliana, não só um sistema de vida como as próprias significações que o informam: essa identificação completa do indivíduo com seu clã, essa relação funcional e orgânica da parte com o todo.

Tais imagens traem "inspiração", colaboração do inconsciente, influxo da experiência profunda do autor. O fato de ter assimilado a realidade estudada e, provavelmente, de trazê-la no sangue, permite-lhe assim tomar liberdades imaginativas, romanceá-la em certo sentido, numa tentativa por atingir a indizível substância humana nela subjacente, por captar-lhe a estrutura íntima. O trecho que segue constitui um caso extremo desse processo de compreensão existencial; impressões e percepções na base de idéias tendem a cristalizar-se em quadros, cenas, complexos de imagens:

"O açúcar não teve, por certo, responsabilidade tão direta pela moleza dos homens. Teve-a, porém, e grande, como causa indireta: exigindo escravos, repelindo a policultura (. . .) E escravos em grande número: para plantarem a

cana; para a cortarem; para a colocarem recortada entre as moendas impelidas à roda d'água — nos engenhos chamados d'água, e por giro de bestas ou de bois, nos chamados almanjarras ou trapiches (. . .) Escravos que se tornaram literalmente os pés dos senhores, andando por eles, carregando-os de rede ou palaquim. E as mãos — ou pelo menos as mãos direitas; as dos senhores se vestirem, se calçarem, se abotoarem, se limparem, se catarem, se lavarem, tirarem os bichos dos pés. De um senhor de engenho pernambucano conta a tradição que não dispensava a mão do negro nem para os detalhes íntimos da toilette, e de ilustre titular do Império refere Von den Steinen que uma escrava é que lhe acendia os charutos passando-os já acesos à boca do velho. Cada branco da casa-grande ficou com duas mãos esquerdas, cada negro com duas mãos direitas. As mãos do senhor só servindo para desfiar o rosário no terço da Virgem; para pegar nas cartas de jogar; para tirar rapé das bocetas ou dos corrimboques; para agradecer, apalpar, amolegar os peitos das negrinhas, das mulatas, das escravas bonitas dos seus haréns.

No senhor branco o corpo quase que se tornou exclusivamente o *membrum virile*. Mãos de mulher; pés de menino; só o sexo arrogantemente viril. Em contraste com os negros — tantos deles gigantes, enormes, mas pirocas de menino pequeno". (C. G. & S., 8a. ed. p. 698).

Trecho sugestivo, característico, na sua aliança de palavras de sabor clássico com brasileirismos cheios de seiva: "boceta de rapé" e "amolegar", do vocábulo técnico de cor local com o galicismo que trai requinte cosmopolita, "almanjarra" e "toilette"; do vocábulo de perfume histórico com o diminutivo de eco regional: "palaquim" e "negrinha"; do termo erudito com o chulo: "membrum virile" e "piroca". Constituí assim, esse vocabulário, um retrato do país em formação, *melting-pot* cultural em que se chocam e fusionam toda a espécie de influência.

Quanto ao teor, trata-se de uma ação romanesca divisível em três partes: a introdução expositiva, sob forma de conceitos, isto é, abstrata, que abrange as duas primeiras frases; o desenvolvimento concreto e ilustrativo das idéias nela contidas, em dois movimentos: 1) aspecto econômico e modo de produção, base do sistema, que assimila escravo à máquina e aos bens materiais (até a palavra "trapiche"); 2) estilo de vida, ainda todo condicionado pelo princípio escravocrata, com o negro reduzido a pés e mãos de um outro corpo, do indolente senhor branco — o qual se preocupa sobretudo em encher os lazeres em penitenciar-se dos pecados e. . . em pecar (até o fim do parágrafo). Finalmente, a conclusão, síntese de certo modo visionária, que traduz e transpõe, segundo o espírito da arte expressionista, a monstruosidade de um sistema através de imagens características de deformação física. Síntese através de uma antítese: tanto no senhor branco quanto no negro escravo, desproporção contrastante entre o *membrum virile* e o corpo como um todo — um pouco como na tela *Café*, de Portinari, cujos carregadores apresentam pés e mãos atacados de uma elefantíase que simboliza funções principais.

Não é só. No segundo plano desse quadro subjaz uma encarnação antropomórfica do sistema: o escravo representa pés e mãos — a força física ou a infra-estrutura econômica; o senhor, a consciência moral e religiosa — “o rosário da Virgem” — ou a superestrutura ideológica, assim como seu principal fundamento biológico. Quer dizer: numa única página — e através de diversos níveis de expressão, como no romance: vocabulário de raízes históricas e existenciais; imagens realistas; símbolos condensadores do sentido profundo — o autor mostra admiravelmente em funcionamento os principais elementos de uma cultura. Além disso, ao passo que numa análise “científica” — que também figura no livro — temos sempre uma sucessão linear, gradual, de causas e efeitos, tais quadros “dramáticos” — no sentido etimológico — apresentam a vantagem de fazermos sentir, como num romance, a presença simultânea de fenômenos de ordem diversa, a estreita interdependência entre eles e sua interação, a inextricável complexidade que preside aos fatos humanos. Um exemplo: a promiscuidade sexual, efeito de uma organização econômico-social, surge aí, ao mesmo tempo, como uma de suas causas: povoando as senzalas, fornecendo braços e pernas aos engenhos — e à preguiça e à lubricidade dos senhores. É devido a páginas assim, de “romance”, que Merleau-Ponty pôde escrever: “A verdadeira filosofia consiste em reaprender a ver o mundo, e nesse sentido uma história contada pode significar o mundo com tanta “profundeza” quanto um tratado de filosofia” (de um extrato de *Phénoménologie de la Perception*, in *Panorama des Idées Contemporaines*, obra coletiva sob a direção de G. Picon, Gallimard, pág. 74).

Já processos semelhantes: simples descrição de fenômenos, esse olhar “naif” que busca surpreender o jorro existencial — raramente se revelam apropriados em *Ordem e Progresso*: Em primeiro lugar porque, ao contrário do que acontece na homogênea sociedade patriarcal e escravocrata, ou até certo ponto na semipatriarcal retratada em *Sobrados e Mucambos*, o homem da fase republicana de industrialização e de crescente divisão do trabalho social não é mais portador completo de sua cultura, para empregar uma expressão de Sorokin. Com efeito, uma série de instituições — índices de um estágio mais avançado da civilização — se interpõe entre seu eu profundo e suas condutas, moldando-se a estas. É assim, nem tudo o que se relaciona com tais condutas é característico, exprime o ethos brasileiro — salvo em sentido negativo. Por exemplo, ao passo que o relato de casos de uranismo em *Casa-Grande & Senzala* manifesta em parte o desregramento dos costumes dos primórdios da colonização, essa sarabanda demoníaca a que se entrega o indivíduo, numa revanche contra toda espécie de freios morais e entraves sociais, ao reencontrar a liberdade primitiva numa terra ainda umedecida pelo orvalho paradisíaco, a gente não vê bem o sentido coletivo e histórico da autobiografia de um efeminado que figura em *Ordem e Progresso*. Do mesmo modo o leitor nem sempre atina, por exemplo, com os fios condutores subjacentes nas evocações da moda desse período de transição constantes no capítulo “Tentativa de Síntese”: uso da bengala, a voga do iodofórmio, do porta-retrato, do aparador; do almanaque, da Emulsão de Scott, do chuveiro; dos clubes elegantes ou esportivos; do mosquiteiro; da cerveja, dos charutos, etc. Isso porque não vêm carregadas de bastante significação ideal, traduzem requintes

ou progressos de âmbito mais ou menos universal, não banham suficientemente uma alma coletiva suscetível de infundir-lhes valor único.

A propósito, do período focalizado em *Ordem e Progresso* teria talvez sido necessário distinguir de saída entre aquilo que representa o desenvolvimento da civilização, do progresso técnico e dos seus efeitos sobre os costumes — des-caracterizadores, pelo menos nas suas fases iniciais — e aquilo que manifesta a persistência ou a resistência da cultura — que poderíamos definir, para o caso em questão, retomando conceito de um ensaio sobre José Lins do Rego, como a resultante do caldeamento de três raças principais, da ação do meio físico e da influência de um determinado sistema de produção. Em outras palavras, trata-se de apreender, de circunscrever, através das conquistas cumulativas da civilização, ou da europeização, a essência castiçamente brasileira: isto é, ecos do inconsciente coletivo, padrões específicos de conduta, o modo peculiar de ser resultante da misteriosa alquimia operada pelo tempo na trindade supracitada. Sucede que esse cunho autenticamente brasileiro subsistiu sobretudo, ou antes se manifesta de maneira mais sensível, no nível popular, regional e folclórico: isto é, o do homem que vive primordialmente com seu ser vital, que se diria constituir uma espécie de prolongamento biopsíquico, ainda que modificado pela ação do fator social, de forças telúricas.

Com efeito, os exemplos de brasilidade profunda citados pelo Sr. G. F. em *Ordem e Progresso* são todos de caráter popular: o *foot-ball*, que aqui "passou de jogo apolíneo a dionisíaco", a capoeiragem; os hinos evangélicos, que "ganharam o tom de modinhas ou dobrados", os anúncios de jornal, na "sua linguagem e substância"; a modinha brasileira; e mesmo o fenômeno Antônio Conselheiro e o episódio de Canudos, no qual se pode ver uma revolta do temperamento brasileiro contra o jugo de instituições coercitivas. Isso porque, quanto mais o homem se eleva na escala social e educativa, quanto mais se "civiliza", mais se racionaliza nas suas atitudes, mais se padroniza nas suas condutas, mais interioriza as instituições sociais. O que não quer absolutamente dizer que a cultura de uma nação não exista nos níveis mais elevados, já que, até certo ponto, as próprias instituições refletem o temperamento de um povo, na letra e na prática, assim com as constantes de sua história, a literatura, as artes, o espírito próprio do seu idioma; mas apenas que ela assume a maioria das vezes formas indiretas, sutis, menos visíveis. A grande maioria das autobiografias de *Ordem e Progresso*, sendo de representantes das classes dominantes e de intelectuais, impunha-se de saída discriminar nas suas declarações e comportamentos o reflexo de uma ideologia — no sentido marxista de programa implícito de ação e de justificativa desse programa — e aqueles aspectos, mais profundos, que compõem o denominador comum de toda a Nação, por cima das diferenças de classe e de área geográfica.

Daí decorreriam, numa certa medida, as limitações desse terceiro volume da *Introdução à História da Sociedade Patriarcal no Brasil*. Especialista de sociologia existencial, mais voltado para as manifestações concretas do ser do

que para a suas motivações ocultas, o Sr. Gilberto Freyre não encontrou bastante apoio no período histórico estudado, já que tais manifestações não constituem nele o essencial, como nos dois períodos anteriores. Temperamento romântico por excelência, como ele próprio sublinha na 1a. edição de *Região e Tradição* — e, nisso, tão brasileiro sob tantos aspectos — isto é homem que vive com todo o seu ser, cuja força vem do poder de identificação com os motivos de uma obra, os personagens e a paisagem que os completam, ou seja, do privilégio de confessar-se falando dos outros e de fazer estudo objetivo falando de si, elaborando elementos autobiográficos, como acontece com o romancista, ele não pôde utilizar em *Ordem e Progresso*, dadas as poucas afinidades que possui com os referidos expoentes da burguesia brasileira, seu cabedal de experiência profunda, não pôde projetar numa larga medida sua própria personalidade na obra em questão.

E assim chegamos ao quarto e último item do nosso plano: uma psicologia do autor — que estudaremos, à guisa de conclusão, em nosso próximo artigo.

V

Sugerimos no final do artigo anterior que certas limitações de *Ordem e Progresso* proviriam do fato de seu autor, especialista da sociologia existencial, não encontrar bastante apoio no período que estuda no referido livro. Temperamento romântico por excelência, como ele próprio sublinha no prefácio à 1a. edição de *Região e Tradição*, cujo poder de penetração vem em grande parte do privilégio de confessar-se falando dos outros e de fazer estudo objetivo falando de si, elaborando, como o romancista, elementos autobiográficos, dir-se-ia que ele não pôde utilizar em *Ordem e Progresso* em medida considerável, seu cabedal de experiência profunda.

E assim chegamos ao quarto e último item do nosso plano: essa obra de fundo científico, sob tantos aspectos impessoal, encerra uma psicologia do seu autor, vigorosamente reflete um temperamento e uma visão coerente do mundo — do mesmo modo que um romance constitui retrato moral completo do romancista que o assina. Com efeito, o que o Sr. Gilberto Freyre diz de Euclides da Cunha a propósito dos sertões é aplicável ao seu próprio caso com relação à família patriarcal e semipatriarcal brasileira: "Ele não só acrescenta-se aos sertões como acrescenta os sertões para sempre à sua personalidade e ao "caráter brasileiro". . . Ou então: "Impossível separar Euclides dessa paisagem-mãe que se deixou interpretar por ele e pelo seu amor e pelo seu narcisismo (substituamos esta palavra por: romantismo) como por ninguém (*Perfil de Euclides e Outros Perfis*. Pág. 25). Pois o Sr. Gilberto Freyre está romanticamente presente em cada página dos seus ensaios sociológicos, ele se confunde numa larga medida com seus motivos, fala-nos constantemente, por intermédio das "personae" representativas da alma coletiva, de seu próprio eu profundo. E isso em vários níveis de expressão: no do estilo; no nível dos motivos e do tratamento que lhes dá; no da "Weltanschauung" implícita nos dois níveis anteriores.

No nível do estilo, Como observamos acima, o vocabulário tantas vezes sumarentamente brasileiro contém facetas subjetivas. Ele não foi colhido em livros, seu uso não obedece a um programa "nacionalista" ou "literário". Mas reflete experiência bruta, verdor de sentidos; evoca um pouco a formação humana do seu autor, sua infância e adolescência democráticas, em comunhão com o povo que constitui seu mestre, seu prolongamento e seu personagem. Ele deita raízes tanto no inconsciente coletivo quanto no pessoal.

Aliás, do ponto de vista "científico", a mistura de vocabulário popular e de técnico não era desprovida de perigo: arriscava afetar o caráter de seriedade dos temas, de imprimir a trabalho original o cunho barato de vulgarização; e, do ponto de vista estético, de introduzir porventura uma nota híbrida e jocosa. Aqui interveio o segundo, ou melhor, o terceiro traço dessa personalidade: a veia popular e o lastro científico são fundidos e ganham unidade graças a um temperamento de escritor e artista, ao gosto inato, a esse dom indizível de revestir elementos às vezes disparatados de acento poético. Graças também, em parte, ao senso da forma, a certos torneios voluptuosos, à alternância de frases breves e longas, que banem a monotonia e abalam a sensibilidade, reforçando e completando os efeitos decorrentes da combinação pessoal de palavras. Não se trata assim de estilo esteticista: sua "beleza" provém antes de tudo de sua eficácia", de sua adequação ao assunto. Ele prima menos por qualidades francesas e talvez latinas — de sutileza, de harmonia, de lógica de encadeamento e de lógica de pontuação; do que por inglesas, de relevo, de expressividade, de vigor nervoso, de poder de choque. É provável que a formação intelectual do autor, impregnado sobretudo de cultura anglo-saxônica, assim como o seu domínio do idioma de Shakespeare, no qual escreveu diretamente *Brazil: an Interpretation*, não sejam estranhos a tais características.

Essa aliança íntima entre sensação concreta e conhecimento abstrato, manifesta logo de saída no vocabulário e no estilo, amplia-se no tratamento dos temas. Nosso autor que manipula tão desembaraçadamente vastas bibliografias das disciplinas mais variadas, que se desloca tão agilmente entre teorias das ciências humanas, cujo cabedal de leituras e de informação revela-se surpreendente (é um apaixonado dos contactos diretos, da pesquisa de campo, da viagem de estudos, da peregrinação às fontes mais remotas — em *Aventura e Rotina*, por exemplo, relata-nos sua visita aos diversos Portugais, tanto ao europeu quanto aos do Oriente e das Áfricas) em suma, da reação pessoal e das impressões brutas que constituem a raiz de todo conhecimento genuíno. Através desses livros entrevê-se assim um autor que mantém relações com meio mundo de homens públicos e artistas, que se corresponde com "scholars" dos quatro cantos do globo, que gosta de palestrar com gente do povo, restaurando constantemente suas reservas emotivas nas fontes originais. Curiosidade universal, receptividade ilimitada, fome quase física da experiência direta, necessidade de comunicação nos mais diversos planos existenciais, que fazem pensar — invencivelmente — nos vultos do Renascimento. Assim como o homem de tais períodos de transição, em que a renovação radical de valores, desentulhando o horizonte por

um momento, permite as sínteses felizes, ele dispõe do multissecular legado cultural, do que o passado tem de mais vivo e atuante, sem pagar com esse estiolamento de alma e esse embotamento de sensações que se diriam constituir seu resgate inevitável. Em outras palavras, apesar da amplitude de pensamento facultado pelo saber — e rara num autor de país jovem, já que tal amplitude pressupõe a cristalização de aptidões coletivas e a surda pressão da ambiciosa curiosidade geral — ele desconhece o peso de tradições e peias mentais, conserva esse olhar maravilhado dos povos ainda na manhã de sua História, desfruta de sentidos por assim dizer virgens — profundamente apegado à terra-nutriz e, paradoxalmente, talvez por isso, com algo de amplo, de vertiginoso, de cósmico, em seu sentimento de vida.

Daí decorre outro traço de sua personalidade. Assinalamos há pouco que seu estilo se nos afigura pouco francês em particular e pouco latino em geral. Acrescentemos pois: como o vulto típico do Renascimento, o Sr. Gilberto Freyre é assim muito pouco cristão no espírito de seus livros e na sua "Weltanschauung". De forma que o que ele nos diz do povo brasileiro sublinha uma imagem pessoal: "Já hoje ninguém tem a ilusão de sermos nós brasileiros (quase todos mulatos ou parentes de mulatos) um povo verdadeiramente latino, muito menos rigorosamente cristão, . ." (*Sob. e Muc.*, 1a. ed., pág. 365). Com efeito, na trilogia sobre a *História da Sociedade Patriarcal no Brasil* e em *Nordeste* que a completa, nesse idílio rousseauiano, subjaz uma exaltação pagã da saúde, da vida dionisiaca, da atualização das virtualidades profundas, um violento amor à natureza em todas as suas formas e manifestações, uma apologia da seleção espontânea e eugênica por cima das barreiras de cor, raça e convenção social que reenviam a uma ordem primitiva anterior a qualquer noção de pecado.

Revelando um conhecimento do coração humano só comparável ao dos grandes criadores em literatura — romancistas e dramaturgos — essa obra de poesia e de ciência não podia deixar de conter assim uma ética, uma filosofia da vida de alcance geral e mesmo uma metafísica. A confiança na natureza, a recusa de qualquer transcendência, suscitam esse otimismo entranhado, esse sentimento incoercível de que o homem é o seu próprio deus e retém o destino em suas próprias mãos. E assim, paradoxalmente, uma concepção agnóstica da vida e a rejeição de qualquer metafísica encerram uma ambição metafísica: a de ir à realidade derradeira, a de "refazer o caminho que leva ao gesto de Deus". Com efeito, o estudo do ser humano de todos os pontos de vista: genético, antropológico, sociológico, psicológico; a vontade de remontar à raiz de seus atos e condutas; o exame minucioso e sistemático de todo o tecido material e moral que constitui sua existência — casa, cama, mesa, trabalho, lazeres, distrações, superstições, hábitos e maneiras, todos os momentos do seu dia, todo o seu ciclo vital — visam chegar "ao domínio tanto quanto possível científico do destino humano", para empregar uma frase do prefácio da 1a. edição de *Problemas Brasileiros de Antropologia*. E assim, ainda de modo paradoxal, concepção determinista da vida humana, ela é uma reivindicação apaixonada, uma afirmação exaltante de liberdade: estreita interação entre psicológico e orgânico, dependência de ambos

das condições do meio ambiente, predominância do social sobre o geográfico, do cultural sobre o racial, do fator econômico sobre o complexo biológico, possibilitam assim, pela compreensão da necessidade, atingir grau cada vez maior de liberdade.

Humanismo científico — eis a palavra que define o espírito dessa obra: lúcido fervor, solicitude esclarecida pela criatura. Num mundo que, em parte devido à sua complexidade crescente, enaltece e recompensa a especialização feroz, tornam-se cada vez mais raros e necessários homens de pensamento que conservem assim o senso das proporções, o sentimento da unidade do destino humano, da solidariedade íntima de todos os aspectos da vida, inclusive os mais ínfimos e humildes, a ambição de abarcar o mais amplo horizonte possível, desde a vida total do indivíduo ao conhecimento do maior número de civilizações — mas de modo concreto, palpante, que tem a experiência direta como ponto de partida. Ou melhor, que conciliam exemplarmente a especialização, o saber rigoroso, a fidelidade ao espírito positivo da época — de certo modo, ainda como esses vultos do Renascimento: um Leonardo, que dissecava cadáveres e criava imagens de eterna beleza, um Rabelais, cujas fantasias morais repousam sobre dados precisos e científicos — com a visão soberanamente universal, com as audácias do pensamento e os vôos da imaginação, com o culto dos valores permanentes, desinteressados — e todavia fecundos — que caracterizam o “homo sapiens”.

Num mundo que se volta cada vez mais, em parte devido a contingências históricas, à rivalidade política e tecnológica entre as duas potências líderes de nossa civilização, para a glorificação do triunfo material — é reconfortante ler um autor cuja lição final, fundamental, é o destino do indivíduo, em última análise um eudemonismo: a felicidade é a meta suprema a que deve tender toda organização racional da sociedade. Sem ignorar o econômico, pois sempre leva em conta suas motivações na conduta humana e o papel desempenhado pelo processo de produção na dinâmica social, a ênfase de sua obra recai em certos valores menos espetaculares mas não menos essenciais. Entre eles uma certa arte de viver: como, por exemplo, quando sublinha em *Sobrados e Mucambos* o que “há de seco, de incompleto e até de pervertido em alguns dos maiores homens do patriarcalismo e semipatriarcalismo no Brasil” devido à ausência da mulher, da simpatia feminina, em suas vidas. Uma pedagogia — no sentido largo da palavra quando ressalta indiretamente a importância do ajustamento social para a preservação da saúde mental e física, para o desenvolvimento pleno e equilibrado da personalidade. Uma lição de democracia orgânica: além da liberdade pressuposta na concepção de que o homem é plástico por excelência e pode transformar-se modificando suas condições de vida, de que falamos acima, a tolerância decorrente da concepção de que o homem não passa de simples produto de situações históricas objetivas, de que ele não é responsável pelas suas limitações — em suma, que não há raças superiores e inferiores, tudo se reduzindo a uma questão de oportunidades, favoráveis a estes indivíduos ou àqueles povos. E daí o direito — e o dever — de todas as raças e povos de atualizarem suas virtualidades profundas, de cultivarem suas qualidades específicas, de preservarem e desenvolverem

sua personalidade cultural, contribuindo assim, com suas diferenças, para o enriquecimento da comunidade, do país, da humanidade. Finalmente, em nome do mesmo espírito democrático, inferimos dessa obra uma apologia da miscigenação: não somente como terapêutica social, como meio de atenuar contrastes de ordem econômica, religiosa e social, de aproximar concepções diferentes de vida, de derrubar barreiras morais e preconceitos de toda espécie — como também por constituir poderoso fermento criador, já que, no Brasil, os indivíduos que mais se destacaram nas letras e na vida pública foram de sangue misto, já que as regiões que mais relevo cultural apresentam são as mais racionalmente variegadas. Sem falar, é claro, do fato de os mais altos padrões de beleza física e sedução pertencerem às mulheres mais ou menos mestiças.

Em síntese: essa obra tão avessa a qualquer espécie de conformismo no espírito e na forma, na sua beleza às vezes bárbara, no seu realismo tantas vezes cru; tão distante dos métodos da sociologia tradicional na sua audaciosa aliança de processos romanescos e de estrutura científica — apresenta, contudo, assim como toda autêntica obra de arte, alto valor educativo, cívico e humano.